

ILAN BRENMAN

HISTÓRIAS DO PAI DA HISTÓRIA



ILUSTRAÇÕES DE
ANUSKA ALLEPUZ

Copyright do texto © 2013 by Ilan Brenman
Copyright das ilustrações © 2013 by Anuska Allepuz

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Preparação
Ana Maria Alvares

Revisão
Marina Nogueira
Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Brenman, Ilan	
Histórias do pai da História / Ilan Brenman ; ilustrações	
Anuska Allepuz — 1ª ed — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2013.	
ISBN 978-85-7406-583-0	
1. Literatura infantojuvenil I. Allepuz, Anuska. II. Título.	
13-02916	CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



*Aos contadores de histórias,
os primeiros a espalharem e fofocarem
as histórias pelo mundo afora.*

SUMÁRIO

A história da HISTÓRIA 7

Qual é o homem mais feliz do mundo? 9

Qual é o homem mais astuto do mundo? 27

Qual é o homem mais sortudo do mundo? 35

Qual é o povo mais antigo do mundo? 41

Caderno de curiosidades do Heródoto 43

Coisas dos pais da História 49

Sobre o autor 54

Sobre a ilustradora 54

Sobre as ilustrações deste livro 55



A HISTÓRIA DA HISTÓRIA

Quando era estudante do ensino médio, meu teste vocacional deu como resultado: historiador. Achei aquilo meio estranho, pois não me via como professor de História. Entretanto, cá estou, muitos anos depois, contando milhares de histórias pelo mundo afora — de certa forma me tornei um historiador.

Alguns podem dizer que a matéria história nada tem a ver com ficção, mas o início dela, em tempos antigos, foi sem nenhuma dúvida uma mescla de fatos reais e muita imaginação dos contadores de histórias, que foram por muitos séculos a principal fonte de relatos históricos.

Uma testemunha ocular de algum ocorrido sempre contou o que viu a partir de diversas perspectivas, aquele que ouviu e escreveu o relato também registrou aquilo que mais lhe interessou consciente ou inconscientemente.

As histórias e curiosidades deste livro foram selecionadas da minha leitura de uma obra clássica: História, escrita por aquele que foi considerado o “pai da História”, Heródoto. Ele nasceu por volta do ano 484 a.C. em Halicarnasso, capital da Cária, atual Turquia.

Em sua grandiosa obra, Heródoto narra as guerras dos gregos com seus vizinhos próximos e distantes, além de descrever costumes, rituais, religiões e geografia de regiões que o pesquisador conheceu ou ouviu falar. Na leitura percebemos que muitos registros foram escritos a partir de relatos de contadores de histórias, e com isso... Quem conta um conto aumenta um ponto.

Aparecem muitas histórias dentro da História, algumas que nitidamente são fruto de um caldo de narrativas míticas e populares que circularam por diversos cantos do mundo. Heródoto toma alguns de tais contos como factuais, o que torna a leitura ainda mais saborosa e instigante. Então aproveite essa viagem pelas histórias antigas e boa jornada!

Ilan Brenman



QUAL É O HOMEM MAIS FELIZ DO MUNDO?

HÁ MAIS DE DOIS MIL E QUINHENTOS ANOS, na região chamada Lídia, atual Turquia, um rei de trinta e cinco anos assumiu o poder. Seu nome: Creso. A inteligência e a coragem de Creso foram responsáveis pela grande expansão de seu Império, tornando Sardes, a capital, uma das cidades mais ricas e culturalmente efervescentes da época.

Muitos filósofos gregos, famosos por sua sabedoria, foram atraídos a Sardes, pois lá poderiam encontrar homens ricos que quisessem aprender com eles e, ao mesmo tempo, prover seu sustento. Entre esses sábios estava Sólon, o Ateniense, que, diferentemente dos outros, dava mais valor ao conhecimento que ao dinheiro.

Sólon havia acabado de realizar uma árdua tarefa, a pedido dos cidadãos de Atenas: redigir as leis da cidade. Terminado o trabalho, resolveu viajar pelo mundo para conhecer outras culturas e modos de vida. (Dizem que na verdade Sólon saiu de Atenas para não ser molestado diariamente pelos compatriotas, que poderiam pressioná-lo a mudar, ou anular, as leis que havia feito.)

Depois de se encantar com a cultura egípcia na corte do rei Amásis, Sólon dirigiu-se a Sardes. Após meses de viagem, adentrou os portões da cidade e ficou boquiaberto. Nunca vira tanta riqueza e esplendor.

Um estrangeiro sempre era detectado rapidamente pela população local. As vestimentas, a forma de andar, de mexer a cabeça, tudo era indício de que uma pessoa que não pertencia a Sardes acabara de chegar.

— Caro estrangeiro, de onde você veio? — perguntou um menino muito curioso.

O sábio Sólon ficou de joelhos, na altura do menino, acariciou sua cabeça e respondeu:

— Acabei de chegar do Egito.

O menino observou bem o rosto de Sólon, olhou suas roupas e, um pouco confuso, disse:

— Eu já vi egípcios em Sardes, eles são carecas e usam perucas, não usam barba nem bigode e têm um cheiro gostoso. Você é barbudo e bigodudo e tem um cheiro ruim de quem não tomou banho. Não me parece que o senhor é egípcio.

Sólon, que continuava ajoelhado, com um olhar doce e simpático, retrucou:

— Você não me perguntou de onde eu vim? Pois então, acabei de chegar do Egito. Não disse que era egípcio. Sua pergunta devia ter sido outra. E, aliás, realmente preciso de um bom banho.

O menino ficou um tempo em silêncio, os olhos miravam o céu como que buscando compreender aquilo que Sólon acabara de dizer. De repente:

— Sim, sim! Entendi! O senhor nasceu em que cidade? — disse o menino, feliz da vida.

Sólon, cansado de ficar de joelhos, sentou-se, para espanto do menino e de alguns transeuntes que por ali passavam, e disse:

— Nasci em Atenas e meu nome é Sólon. E você, menino, como se chama?

— Meu nome é Aliata, o mesmo nome do falecido pai do nosso rei Creso — disse o menino. — Mas... o senhor é Sólon, o filósofo mais sábio do mundo? — perguntou meio encabulado Aliata.

— O filósofo mais sábio do mundo? — riu Sólon.

— Aqui em Sardes todos já ouviram falar do grande Sólon de Atenas, de sua sabedoria e conhecimento. Meu pai, sempre que falo alguma besteira, briga comigo e diz: “Realmente, Sólon esse menino nunca será!”.

O filósofo não se conteve e explodiu numa gostosa risada. Depois de tomar ar, levantou-se do chão, pousou a mão no ombro de Aliata e disse:

— Diga ao seu pai que você acabou de conversar com Sólon, o filósofo de Atenas, de igual para igual. E que pior do que errar é não tentar. Adeus, menino.

Aliata saiu correndo para falar com o pai. E a informação da chegada do grande sábio se espalhou com a rapidez do vento pela capital da Lídia. O rei Creso ficou empolgadíssimo com a notícia de tão ilustre visita e mandou imediatamente convidá-lo ao palácio real.

Sólon aceitou o convite. No suntuoso palácio, antes do encontro com o rei, ganhou um bom banho, roupas novas e um delicioso banquete.

Com as forças renovadas, foi chamado ao salão real, e lá foi calorosamente recebido pelo poderoso rei Creso:

— Não posso acreditar nos meus olhos, você é mesmo Sólon, o mais sábio entre os sábios?

— Majestade, não sei se sou o mais sábio, sei que procuro sempre a verdade, mesmo que, às vezes, ela seja dolorida.

Só por essa resposta, Creso já sabia que estava diante de um grande homem. Os dois se sentaram em majestosas cadeiras, e o

rei começou a fazer inúmeras perguntas ao filósofo. Estava curioso sobre a visita que havia feito ao Egito.

— Os egípcios têm muitos costumes estranhos, não é? — perguntou o rei.

— Estranhos para quem? — perguntou o filósofo. — Eles também devem achar os gregos ou os lídios muito esquisitos. Cada povo tem sua maneira de viver, mas no fundo todos buscam a mesma coisa.

— O que buscam todos os homens? — quis saber o soberano.

— A *eudaimonia*, a felicidade — respondeu Sólon.

O rei Creso percorreu com os olhos o grandioso salão real e teve uma ideia. Mas, antes de pô-la em prática, quis ouvir mais sobre os diferentes costumes egípcios. Sólon, então, descreveu alguns deles:

— As mulheres egípcias são as responsáveis por ir ao mercado e lá negociam suas mercadorias, enquanto os homens ficam em casa costurando.

O rei Creso não conteve uma risada, mas pediu ao sábio que continuasse.

— As mulheres fazem xixi de pé, já os homens sentados.

O soberano segurava o riso, sabia que Sólon descrevia tudo aquilo com naturalidade.

— Os filhos homens, lá no Egito, não são obrigados a sustentar os pais idosos, já as filhas sim.

— Chega, chega. Já está bom! — disse Creso. — Agora venha comigo, quero continuar a conversa sobre a felicidade em outro local.

Os dois se dirigiram a outro salão, onde havia uma escada de pedra em espiral que descia até as profundezas do palácio. Lá

embaixo, Sólon foi apresentando às mais deslumbrantes riquezas do reino. Eram quantidades incalculáveis de pedras preciosas, montanhas de ouro e prata, esculturas de requinte sem igual.

O filósofo ateniense nunca vira riqueza como aquela, nem mesmo no Partenon, templo que abrigava os tesouros de Atenas. O rei Creso estufava o peito para relatar como havia adquirido tamanha fortuna. Depois de muito falar, finalmente se dirigiu a Sólon e, apontando as montanhas de ouro, disse:

— Voltemos a falar sobre a felicidade. Você que conheceu diversas culturas, povos, reis, me diga: quem foi ou quem é o homem mais feliz do mundo?

— Telo de Atenas, majestade — respondeu Sólon.

O rei não podia acreditar no que ouvia, tinha acabado de mostrar a maior riqueza de todos os tempos e esperava outra resposta.

— Meu caro filósofo, quem é esse tal Telo de Atenas para que você o considere o homem mais feliz do mundo? — disse o rei, já um pouco melindrado com Sólon.

— Ele foi um homem muito bondoso e justo, teve dois filhos e vários netos. A criação deles teve como base a virtude, a justiça, a coragem e a verdade. Depois de uma vida plena, já com idade avançada, Telo foi à guerra ajudar os atenienses a combater seus inimigos, socorreu muitos compatriotas e morreu como herói no campo de batalha.

O soberano não gostou muito dessa história. Então, tentou novamente:

— Bom, além de Telo de Atenas, quem foi ou quem é o segundo homem mais feliz do mundo?

— Na verdade, são dois homens que merecem esse segundo lugar: Cléobis e Bítôn.